

## HELENA P. BLAVATSKY sobre A INICIAÇÃO EM VÁRIAS TRADIÇÕES

[H.P. Blavatsky, *Collected Writings* Volume XIV, p. 140-141]

[Obs. A numeração das páginas corresponde às edições originais em inglês.]

Desde o início da Humanidade a Cruz, ou o Homem, com seus braços estendidos horizontalmente, tipificando sua origem cósmica, estava conectado com sua natureza psíquica e com as lutas que levam à **Iniciação**. Mas, se uma vez for mostrado que (a) todo verdadeiro Adepto teve, e ainda tem, que passar pelas sete e doze provas da Iniciação, simbolizadas pelos doze trabalhos de Hércules; (b) que o **dia de seu nascimento real** é considerado como aquele dia em que ele **nasce no mundo espiritualmente**, sua própria idade sendo contada a partir da hora de seu segundo nascimento, o que faz dele um "nascido duas vezes", um Dvijja ou Iniciado, dia em que ele de fato nasce de um Deus e de uma Mãe imaculada; e (c) que os julgamentos de todos esses personagens são feitos para corresponder ao significado esotérico dos ritos iniciáticos – todos os quais correspondem aos doze signos zodiacais – então todos verão o significado das viagens de todos esses heróis através dos signos do Sol no Céu; e que eles são em cada caso individual uma personificação dos "sofrimentos, triunfos e milagres" de um Adepto, antes e depois de sua Iniciação. Quando para o mundo em geral tudo isso for explicado, então também o mistério de todas essas vidas, tão intimamente semelhantes entre si que **a história de uma parece ser a história da outra**, e vice-versa, se tornará claro, como tudo o mais. Tomemos um exemplo. As lendas – pois todas são lendas para propósitos exotéricos, quaisquer que sejam as negações em algum caso – das vidas de Krishna, Hércules, Pitágoras, Buda, Jesus, Apolônio, Chaitanya.

\*\*\*\*\*

## GOTTFRIED DE PURUCKER sobre INICIAÇÃO – TEOFANIA, TEOPNEUSTIA E TEOPATIA

[*Fundamentos da Filosofia Esotérica*, p. 386-387]

.....Como apontado em estudos anteriores, três eram os estados, após o quarto grau de iniciação, que o iniciante ou candidato deve alcançar: primeiro vinha o Mistério Teofânico, que é o aparecimento, no momento solene da iniciação, do próprio deus interior do homem a si mesmo; e essa presença sagrada era chamada pelos gregos **de Teofania**, "o aparecimento de um deus", isto é, o próprio Eu/Self Superior do homem a si mesmo. E enquanto no candidato comum esse momento sublime de êxtase intelectual e visão elevada durava pouco tempo, com o progresso espiritual do candidato, a comunhão teofânica tornou-se mais duradoura e permanente, até que finalmente, em última análise, o homem se conheceu, não meramente como a prole espiritual de seu próprio deus interior, mas como o próprio deus interior, em seu ser essencial. Esse foi o primeiro passo, a primeira realização. A segunda veio no que os gregos chamavam de **Teopneustia**, que é uma palavra composta grega que significa "a inspiração de um deus", e na qual o homem não apenas estava consciente pelos sentidos internos, e até mesmo pelos sentidos

externos, de sua divindade interior, mas sentia a inspiração fluindo por suas veias intelectuais e espirituais, por assim dizer - sentia a inspiração de seu próprio deus interior e se tornava, assim, inspirado, a própria palavra "inspiração" significando "inspiração". Com o passar do tempo e a maior purificação do veículo da alma, que é o próprio homem, essa inspiração ou inspiração tornou-se permanente. Finalmente, veio na sétima iniciação o mistério mais sublime de todos, chamado Teopatia pelos gregos, que significa "o sofrimento de um deus" - um termo técnico; isto é, não que o deus sofreu, mas que o iniciante, o candidato, sofreu para se tornar, abandonou-se completamente para ser, um canal verdadeiramente altruísta de comunicação de seu próprio deus interior, seu próprio Eu Superior; Ele se perdeu, por assim dizer, no Eu maior do seu próprio Eu Superior. Este eu pessoal foi absorvido, transmutado; e suas características inferiores desapareceram como uma nuvem diante do sol; e com o passar do tempo e a maior purificação do veículo, a alma, o homem pessoal, fundiu-se completamente com seu próprio deus interior. E isso era **Teopatia**.

\*\*\*\*\*

### HELENA P. BLAVATSKY sobre A REENCARNAÇÃO NA CULTURA DO ANTIGO EGITO

***Reencarnação ensinada pelos egípcios – [A Doutrina Secreta Vol. I, ed. original de 1888, p. 226-7]***

Devemos, além disso, lembrar àqueles que tentam provar que os antigos egípcios não sabiam nada e não ensinavam a Reencarnação, que a " **Alma** " (o *Ego* ou *Self*) do defunto é dita estar **vivendo na Eternidade** : é imortal, "coeva com, e desaparecendo com o barco Solar", *ou seja* , para o ciclo da necessidade. Esta "Alma" *emerge do Tiaou* (o reino *da causa da vida*) e se junta aos vivos na Terra *durante o dia*, para retornar a *Tiaou* todas as noites. Isso expressa as **existências periódicas do Ego**. (Livro dos Mortos, cvxlili .)

\*\*\*\*\*

***O Escaravelho – [A Doutrina Secreta Vol. II, ed. original de 1888, p. 552]***



O Espírito da Vida e da Imortalidade era simbolizado em todos os lugares por um círculo: portanto, a serpente mordendo a própria cauda representa o círculo da Sabedoria no infinito; assim como a cruz astronômica — a cruz dentro de um círculo e o globo, com duas asas adicionadas a ele, que então se tornou o sagrado *Escaravelho* dos egípcios, cujo próprio nome

sugere a ideia secreta a ele associada. Pois o **Escaravelho** é chamado no Egito (nos *papiros* ) *de Khopirron*. e *Khopri* do verbo *Khopron* “tornar-se”, e assim se tornou **um símbolo** e um emblema da vida humana e **dos sucessivos devires do homem** , através das diversas peregrinações e metempsicoses (reencarnações) da Alma libertada. Este símbolo místico demonstra claramente que os egípcios acreditavam na reencarnação e nas vidas e existências sucessivas da entidade Imortal. Sendo, no entanto, uma doutrina esotérica, revelada apenas durante os mistérios pelos sacerdotes-hierofantes e pelos Reis-Iniciados aos candidatos, **era mantida em segredo**.

\*\*\*\*\*

### HELENA P. BLAVATSKY sobre TÍFON

[*Ísis Sem Véu* Vol. II, ed. original de 1877, p. 483-484]

Plutarco observa que por Tífon se entendia qualquer coisa violenta, indisciplinada e desordenada. O transbordamento do Nilo era chamado pelos egípcios de Tífon. O Baixo Egito é muito plano, e quaisquer montes construídos ao longo do rio para evitar as frequentes inundações eram chamados de Tífonianos ou *Tafos*, daí a origem de Tífon. Plutarco, que era um grego rígido e ortodoxo, e nunca conhecido por elogiar muito os egípcios, testemunha em seu *Ísis e Osíris*, o fato de que, longe de adorar o Diabo (do que os cristãos os acusavam), eles desprezavam mais do que temiam Tífon. Em seu **símbolo do oposto, poder obstinado da natureza**, acreditavam que ele era uma divindade pobre, em luta, meio morta. Assim, mesmo naquela época remota, vemos os **antigos já iluminados demais para acreditar em um Diabo pessoal**. Como Tífon era representado em um de seus símbolos sob a figura de um asno no festival dos sacrifícios do sol, os sacerdotes egípcios exortavam os fiéis a não carregarem ornamentos de ouro sobre o corpo, com medo de dar comida ao *asno*! Três séculos e meio antes de Cristo, Platão expressou sua opinião sobre o mal dizendo que "há na matéria uma força cega e refratária, que resiste à vontade do Grande Artífice". Essa força cega, sob o influxo cristão, foi levada a enxergar e a se tornar responsável; foi transformada em Satanás! Sua identidade com Tífon dificilmente pode ser questionada ao ler o relato de *Jó* sobre sua aparição com os filhos de Deus, diante do Senhor. Ele acusa Jó de estar sempre pronto a amaldiçoar o Senhor na sua cara, mediante provocação suficiente. Assim , Tífon, *no No Livro Egípcio dos Mortos* , figura como o acusador. A semelhança se estende até aos nomes, pois um dos nomes de Tífon era *Seth*, ou *Seph*, já que Satã, em hebraico, significa adversário. Em árabe, a palavra é *Shatana* — ser adverso, perseguir — e Mâneton afirma que ele havia assassinado Osíris traiçoeiramente e se aliado aos shemitas (os israelitas).

\*\*\*\*\*

## GOTTFRIED DE PURUCKER sobre A PESAGEM DO CARAÇÃO

[*The Theosophical Forum*, novembro de 1943, p. 481-488]

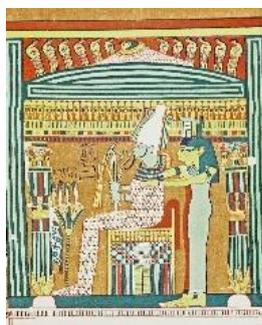


Nossas vidas, nossos destinos humanos, não são os destroços de um destino arbitrário, mas, como simbolizado na maravilhosa cerimônia ou rito egípcio da **Pesagem do Coração** do Defunto, tudo o que pensamos, sentimos e fazemos é pesado na balança do destino, e essa balança pesa duas coisas, como este maravilhoso ritual egípcio tão habilmente demonstra: em um prato da balança está o centro da vida, o coração humano do homem que viveu, mas agora está morto, e no outro prato da balança está a Pena da Verdade, da Realidade, que nada pode subornar, que nada pode influenciar, que nada pode persuadir ou induzir. Portanto, vemos neste ritual simbólico uma maravilhosa **exemplificação do** que nós, teosofistas, chamamos de **doutrina do karman**, destino inescapável que ninguém e nada no infinito pode mudar, pois é a própria lei divina, que chamamos de retribuição quando nossas más ações a recebem, e compensação quando nossa bondade ou boas obras a recebem. Mas sob a atmosfera majestosa que envolve todo esse ritual, o homem não atende a nenhum juiz ou sentença, nem há perdão. Ele não depende de nada além das próprias leis dos seres.

\*\*\*\*\*

## GOTTFRIED DE PURUCKER sobre OSÍRIS

[*Glossário Teosófico Enciclopédico (online)* – palavra-chave Osíris]



**Osíris** (grego) **As-ar**, **Us-ar** (egípcio) *Ás-ár*, *Us-ár*. A divindade mais famosa do panteão egípcio, correspondendo a Zagreus-Baco dos Mistérios de Elêusis. Em *Sobre Ísis e Osíris*, de *Plutarco*, Osíris é representado como filho de Nut, espaço e matéria primordial (equivalente à Reia grega) por Seb, fogo celestial (Cronos). Ele se tornou rei do Egito, ensinando ao povo a adoração dos deuses, a agricultura e formulando leis. Seu irmão Set, cheio de inveja, causou

sua destruição. Ísis, sua esposa, perturbada, partiu em busca do corpo e finalmente o recuperou. Mas Set então desmembrou o corpo em quatorze pedaços, espalhando-os pelo Egito, dos quais Ísis recuperou todos, exceto um.

Após encontrar a morte na Terra, Osíris ressuscitou e tornou-se o governante do outro mundo ( Khenti-Amentet ). **Sua morte e ressurreição retratam o drama da câmara de iniciação** , que é uma interpretação da glorificação ou **Osirificação** do humano defunto, como retratado misticamente no *Livro dos Mortos* . Cosmologicamente, Osíris é o Terceiro Logos, contendo em si as sementes de todas as coisas e seres no universo a serem desprendidos do Logos...

\*\*\*\*\*

### GOTTFRIED DE PURUCKER sobre A INICIAÇÃO DA GRANDE PASSAGEM

[*no Templo*, p. 120-123]

A Grande Passagem é a quarta e última iniciação pela qual todo Mestre de Sabedoria deve passar, e a cujas glórias ele deve renunciar. Nesta fase específica do ciclo iniciático que conduz à **completa condição de Mahatma** , o Iniciante deve, de fato, como nas três Iniciações anteriores, passar pelo Mundo Inferior; mas nesta Quarta, a passagem é apenas fugaz e é, por assim dizer, como um viajante em um trem correndo por cenas que se tornaram familiares por outras paradas ali; e em vez de permanecer no Mundo Inferior, as energias são direcionadas para alcançar a familiaridade e o conhecimento íntimo e individual, e até mesmo **o domínio dos Mundos Superiores**.

\*\*\*\*\*

### HELENA P. BLAVATSKY sobre PTAH

[*Helena P. Blavatsky Glossário Teosófico*, p. 264]



**Ptah**, ou *Pthah* ( *Ex .* ). O filho de Kneph no Panteão Egípcio. Ele é o Princípio da Luz e da Vida através do qual a "criação" ou melhor, a evolução ocorreu. O **logos** e criador egípcio, o **Demiurgo**. Uma divindade muito antiga, pois, de acordo com Heródoto, ele teve um templo erguido para ele por Menes, o primeiro rei do Egito. Ele é o "doador da vida" e o autonascido, e o pai de Apis, o touro sagrado, concebido através de um raio do Sol. Ptah é, portanto, o

protótipo de Osíris, uma divindade posterior. Heródoto o torna o pai dos Kabiri, os deuses-mistérios; e o *Targum de Jerusalém* diz: "Os egípcios chamavam a sabedoria do Primeiro Intelecto **de Ptah**"; portanto, ele é *Mahat*, a " **sabedoria divina** "; embora de outro aspecto ele seja *Swabhâvat* , a substância autocriada, como diz uma oração dirigida a ele no *Ritual dos Mortos* , depois de chamar Ptah de "pai dos pais e de todos os deuses, gerador de todos os homens produzidos a partir de sua substância": "Tu és sem pai, sendo engendrado por tua própria vontade; tu és sem mãe, *sendo nascido pela renovação da tua própria substância de quem procede a substância* ”.